

GRITOS DO PASSADO

DA AUTORA DE A PRINCESA DE GELO

CAMILLA LÄCKBERG



Ficha Técnica

Título original: *Predikanten*

Título: Gritos do Passado

Autor: Camilla Läckberg

Design de capa: Rui Garrido

Revisão: ofia Graça Moura

ISBN: 9789722046169

Publicações Dom Quixote

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2004, Camilla Läckberg

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

Para Micke

1

O DIA NASCEU PROMETEDOR. ELE ACORDOU CEDO, ANTES DOS OUTROS MEMBROS DA FAMÍLIA, VESTIU-SE O MAIS SILENCIOSAMENTE POSSÍVEL E CONSEGUIU SAIR SEM SER NOTADO. LEVOU O CAPACETE DE CAVALEIRO E A ESPADA DE MADEIRA, QUE ESGRIMIA ALEGREMENTE ENQUANTO DESCIA A CORRER OS CEM METROS QUE SEPARAVAM A CASA DA EMBOCADURA DA FENDA DO REI[1]. PAROU POR UM MOMENTO E ESPREITOU COM ASSOMBRO PELA FRESTA ÍNGREME ABERTA NO AFLORAMENTO ROCHOSO. AS PAREDES DA ROCHA DISTANCIAVAM-SE ENTRE SI APROXIMADAMENTE DOIS METROS, E A ROCHA AGIGANTAVA-SE MAIS DE NOVE METROS EM DIRECÇÃO AO CÉU, PARA ONDE O SOL ESTIVAL COMEÇAVA A TREPAP. HAVIA TRÊS ENORMES PEDREGULHOS SOLIDAMENTE ENTALADOS A MEIO DA FENDA, FORMANDO UMA VISÃO IMPONENTE. AQUELE LUGAR EXERCIA UMA ATRACÇÃO MÁGICA NUM RAPAZ DE SEIS ANOS. E O FACTO DE A FENDA DO REI SER TERRITÓRIO INTERDITO AINDA FAZIA COM QUE FOSSE MAIS TENTADORA.

ESTA DESIGNAÇÃO TINHA ORIGEM NA VISITA DO REI ÓSCAR II A FJÄLLBACKA NO FINAL DO SÉCULO XIX, MAS ISSO ERA ALGO QUE O RAPAZ DESCONHECIA E QUE NÃO LHE INTERESSAVA ENQUANTO RASTEJAVA LENTAMENTE NA DIRECÇÃO DAS SOMBRAS, COM A ESPADA PRONTA A ATACAR. O PAI DISSERA-LHE QUE AS CENAS DA GARGANTA DO INFERNO, NO FILME RONJA RÖVARDOTTER[2], TINHA M SIDO FILMADAS NO INTERIOR DA FENDA DO REI. QUANDO ELE PRÓPRIO VIU O FILME, SENTIU UM LEVE FORMIGUEIRO NO ESTÔMAGO QUANDO MATTIS, O CHEFE DOS LADRÕES, CAVALGAVA POR ENTRE AS ROCHAS. POR VEZES BRINCAVA ALI AOS SALTEADORES, MAS NAQUELE DIA ERA UM CAVALEIRO. UM CAVALEIRO DA TÁVOLA REDONDA, TAL COMO NO LIVRO ENORME E PROFUSAMENTE ILUSTRADO QUE A AVÓ LHE DERA NO SEU ANIVERSÁRIO.

RASTEJOU POR CIMA DOS SEIXOS QUE COBRIAM O SOLO E COM A SUA CORAGEM E A SUA ESPADA PREPAROU-SE PARA ATACAR O GRANDE DRAGÃO QUE CUSPIA CHAMAS PELA BOCA. O SOL DE VERÃO NÃO PENETRAVA NA FENDA, O QUE A TORNAVA UM LUGAR FRIO E ESCURO. PERFEITO PARA DRAGÕES. NÃO TARDARIA A FAZER JORRAR SANGUE DA GARGANTA DELE E,

APÓS PROLONGADOS ESPASMOS DE AGONIA, O DRAGÃO CAIRIA MORTO A SEUS PÉS.

PELO CANTO DO OLHO, VIU ALGO QUE LHE DESPERTOU A ATENÇÃO. VISLUMBROU UM PEDAÇO DE TECIDO VERMELHO POR DETRÁS DE UM PEDREGULHO E FOI VENCIDO PELA CURIOSIDADE. O DRAGÃO PODIA ESPERAR; TALVEZ HOUVESSE ALI UM TESOURO ESCONDIDO. TREPOU PARA A ROCHA DE UM SALTO E OLHOU PARA BAIXO, PARA O OUTRO LADO. POR UM MOMENTO QUASE CAIU DE COSTAS, MAS, DEPOIS DE OSCILAR E ABANAR OS BRAÇOS, RECUPEROU O EQUILÍBRIO. MAIS TARDE NÃO ADMITIRIA QUE SE TINHA ASSUSTADO, MAS EM TODOS OS SEIS ANOS DA SUA VIDA, NUNCA ESTIVERA TÃO APAVORADO COMO NAQUELE MOMENTO. ESTAVA ALI UMA SENHORA DEITADA QUE PARECIA ESTAR À ESPERA DELE. ESTAVA DEITADA DE COSTAS, A OLHÁ-LO FIXAMENTE COM OS OLHOS MUITO ABERTOS. O SEU PRIMEIRO INSTINTO FOI FUGIR ANTES QUE A SENHORA O APANHASSE A BRINCAR ALI, ONDE NÃO DEVERIA ESTAR. TALVEZ ELA O OBRIGASSE A DIZER-LHE ONDE MORAVA E DEPOIS O ARRASTASSE PARA CASA, PARA JUNTO DA MÃE E DO PAI. ELES FICARIAM TÃO FURIOSOS. E ERA MAIS QUE CERTO QUE IRIAM PERGUNTAR-LHE: «QUANTAS VEZES TE DISSEMOS PARA NÃO IRES À FENDA DO REI SEM ESTARES ACOMPANHADO POR UM ADULTO?»

MAS O MAIS ESTRANHO É QUE A SENHORA NÃO SE MEXEU. TAMBÉM NÃO TINHA QUAISQUER ROUPAS E, POR UM MOMENTO, ELE FICOU ENVERGONHADO POR ESTAR ALI ESPECADO A OLHAR PARA UMA SENHORA NUA. O VERMELHO QUE VIRA NÃO ERA UM PEDAÇO DE TECIDO, MAS SIM ALGO MOLHADO JUNTO DELA, E ELE NÃO VIA AS ROUPAS DA SENHORA EM LADO ALGUM. QUE ESTRANHO, ESTAR ALI NUA. SOBRETUDO PORQUE ESTAVA MUITO FRIO.

ENTÃO, OCORREU-LHE O IMPOSSÍVEL. E SE A SENHORA ESTIVESSE MORTA?! NÃO CONSEGUIA IMAGINAR QUALQUER OUTRA EXPLICAÇÃO PARA O FACTO DE ELA ESTAR DEITADA ASSIM TÃO QUIETA. AQUELE PENSAMENTO FÊ-LO DESCER DA ROCHA DE UM SALTO E RECUAR LENTAMENTE NA DIRECÇÃO DA EMBOCADURA DA FENDA. APÓS TER-SE DISTANCIADO ALGUNS METROS DA SENHORA MORTA, VOLTOU-SE E CORREU PARA CASA O MAIS DEPRESSA QUE PÔDE. JÁ NÃO SE IMPORTAVA SE IRIA OU NÃO SER REPREENDIDO.

O SUOR FEZ com que o lençol se colasse ao corpo. Erica virou-se de um lado para o outro na cama, mas era impossível encontrar uma posição confortável. A claridade da noite de Verão fazia com que fosse difícil adormecer e, pela milésima vez, anotou mentalmente que tinha de comprar umas cortinas para pôr o quarto completamente às escuras e pendurá-las, ou antes, persuadir Patrik a fazê-lo.

Ficava fora de si por ver que, a seu lado, Patrik conseguia dormir tão bem. Como se atrevia a estar ali deitado a ressonar quando ela permanecia acordada noite após noite? Erica deu-lhe um pequeno safanão na esperança de que acordasse. Ele não se mexeu. Ela empurrou-o com um pouco mais de força. Patrik resmungou, puxou as cobertas para cima e virou-lhe as costas.

Erica suspirou e ficou ali deitada de costas com os braços cruzados sobre os seios a olhar fixamente para o tecto. A barriga descrevia um arco no ar como um grande globo, e tentou imaginar o seu bebé a nadar dentro dela no escuro. Talvez com o polegar metido na boca. Apesar de ser tudo ainda demasiado irreal para o conseguir imaginar. Erica estava no oitavo mês de gravidez, mas ainda não tinha interiorizado o facto de ter outra vida dentro dela. Bem, muito em breve iria ser bem real. Erica estava dividida entre o desejo e o receio. Era difícil ver para além do nascimento do bebé. Para ser franca, naquele momento, era difícil ver para além do problema de já não conseguir dormir de

barriga para baixo. Olhou para o mostrador luminoso do relógio despertador. Marcava 4h42 da manhã. Talvez devesse ligar a luz e ler um pouco.

Três horas e meia e um mau livro policial mais tarde, Erica estava prestes a levantar-se da cama quando o telefone tocou de forma estridente. Como era habitual, Erica passou o auscultador a Patrik.

- Estou, sou eu, Patrik - disse ele profundamente ensonado. - Certo, muito bem. Que merda, sim, posso estar aí daqui a um quarto de hora. Até já. - Patrik virou-se para Erica: - Temos uma emergência. Tenho de me apressar.

- Mas tu estás de férias. Será que não pode ir antes um dos outros? - Erica percebeu que a sua voz soou lamurienta, mas ter estado acordada a noite toda não tinha ajudado muito a melhorar o seu humor.

- É um homicídio. Mellberg quer que seja eu a tratar do caso. Ele também está a ir para lá.

- Um homicídio? Onde?

- Aqui, em Fjällbacka. Um rapazinho encontrou o cadáver de uma mulher na Fenda do Rei esta manhã.

Patrik vestiu-se à pressa, o que não demorou muito, pois estavam em meados de Julho e apenas precisava de roupas leves de Verão. Antes de se ter precipitado porta fora, Patrik trepou para a cama e beijou Erica na barriga, algures onde ela se recordava vagamente de uma vez ter tido um umbigo.

- Até logo, bebé. Trata bem a mamã que eu volto depressa para casa.

Patrik beijou-a brevemente na face e saiu apressadamente. Com um suspiro, Erica ergueu-se da cama e vestiu um daqueles vestidos tipo tenda, os quais, por enquanto, eram as únicas peças que lhe serviam. Contrariando o seu lado racional, Erica lera toneladas de

livros acerca de bebês e, na sua opinião, todos aqueles que escreviam sobre a feliz experiência da gravidez deviam ser levados para a praça central e chicoteados. Insónias, articulações doridas, estrias, hemorróidas, suores nocturnos e alterações hormonais em geral – isso estava mais perto da verdade. E era claro como a água que ela não emanava um brilho interior. Erica resmungava para si própria enquanto se dirigia lentamente para o rés-do-chão em busca da primeira chávena de café do dia. Talvez isso dissipasse ligeiramente o nevoeiro.

Quando Patrik chegou já ali reinava uma actividade febril. A entrada da Fenda do Rei tinha sido isolada com fita amarela, e Patrik contou três carros da polícia e uma ambulância. Os técnicos de Uddevalla atarefavam-se no seu trabalho, e Patrik sabia muito bem que não podia entrar de rompante no local do crime. Isso era um erro de principiantes, mas não impedia que o seu chefe, o superintendente Mellberg, andasse pesadamente a calcorrear o terreno no meio dos técnicos. Estes olharam desalentados para o calçado e para as roupas do superintendente que, naquele preciso momento, iam depositando milhares de fibras e partículas no sensível local de trabalho. Quando Patrik parou do lado de fora da fita e fez sinal ao chefe, Mellberg afastou-se e passou por cima da fita, para grande alívio dos técnicos forenses.

- Olá, Hedström – disse o superintendente.

A voz dele era cordial, quase alegre, e Patrik ficou assombrado. Por um instante pensou que Mellberg estava prestes a abraçá-lo, mas felizmente isso não aconteceu. No

entanto, o homem parecia estar completamente mudado. Patrik apenas entrara de férias há uma semana, mas o homem que tinha à sua frente não era realmente o mesmo que deixara sentado à secretária, mal-humorado e a resmungar que o próprio conceito de férias deveria ser abolido.

Mellberg apertou entusiasticamente a mão de Patrik e deu-lhe uma palmada nas costas.

- Então, como estão as coisas em casa com a galinha chocadeira? Algum sinal de estar na iminência de ser pai?

- Dizem que ainda falta um mês e meio.

Patrik ainda não fazia ideia do que tornara Mellberg tão bem-humorado, mas afastou a surpresa e tentou concentrar-se no motivo pelo qual fora chamado ao local.

- Então, o que descobriram?

Mellberg fez um esforço para limpar o sorriso da cara e apontou na direcção do interior sombrio da fenda.

- Um rapaz de seis anos saiu à socapa de casa esta manhã, enquanto os pais estavam a dormir, e veio para aqui brincar aos cavaleiros entre os seixos. E encontrou uma mulher morta. Recebemos a chamada às 6h 15 da manhã.

- Há quanto tempo estão os técnicos forenses a examinar o local do crime?

- Apareceram há uma hora. A ambulância chegou cá primeiro, e a equipa de emergência médica confirmou imediatamente que não era necessária qualquer intervenção médica. Desde então que têm podido trabalhar à vontade. Eles são um pouco susceptíveis... eu só quis entrar e dar uma vista de olhos, mas devo dizer que foram bastante antipáticos. Bem, calculo que uma pessoa fique um pouco picuinhas por andar o dia todo a rastejar à procura de fibras com uma pinça.

Agora, Patrik reconhecia novamente o chefe. Aquele era um tom mais apropriado para Mellberg. Mas Patrik sabia por experiência própria que de nada adiantava tentar contrariar as opiniões dele. Era mais fácil deixar os comentários do chefe entrarem por um ouvido e saírem pelo outro.

- Que sabemos dela?

- Por enquanto, nada. Calculamos que tenha cerca de vinte e cinco anos. O único pedaço de tecido que encontramos, se é que lhe podemos chamar assim, foi uma mala de mão. De resto, estava completamente nua. E tem umas mamas bem bonitas, por sinal. - Patrik cerrou os olhos e repetiu para si próprio, como um mantra interior: *Já não falta muito para ele se reformar. Já não falta muito para ele se reformar...* Mellberg prosseguiu, imperturbável: - A causa da morte não foi confirmada, mas ela foi violentamente espancada. Tem escoriações por todo o corpo e uma série do que parecem ser feridas provocadas por uma faca. E depois há o facto de estar deitada num cobertor cinzento. O médico-legista está a examiná-la, e esperamos ter um relatório preliminar muito em breve.

- Alguém desta idade foi dado como desaparecido?

- Não, nem pouco mais ou menos. Um idoso foi dado como desaparecido há cerca de uma semana, mas descobriu-se que se tinha fartado de estar fechado numa autocaravana com a mulher e fugiu com uma tipa que conheceu no bar Galären.

Patrik reparou que a equipa que rodeava o cadáver estava agora a preparar-se para erguer cuidadosamente a vítima e colocá-la num saco para ser examinada posteriormente. As mãos e os pés da mulher tinham sido isolados de acordo com os regulamentos, para preservar quaisquer provas. Os técnicos forenses de Uddevalla trabalharam em equipa para colocar a mulher no saco da forma mais eficiente possível.

Depois, o cobertor em que estivera deitada também teve de ser colocado num saco de plástico para ser examinado mais tarde.

A expressão chocada nos rostos deles, e o modo como se detiveram, disse instantaneamente a Patrik que alguma coisa inesperada acontecera.

- Que se passa? - perguntou.

- Não vais acreditar nisto - disse um dos agentes -, mas há aqui ossos. E duas caveiras. Com base no número de ossos, diria que são suficientes para completar facilmente dois esqueletos.

2

VERÃO DE 1979

OSCILAVA PERIGOSAMENTE ENQUANTO PEDALAVA PARA CASA NA NOITE CLARA DO SOLSTÍCIO DE VERÃO. A FESTA TINHA SIDO MAIS LOUCA DO QUE ESPERARA, MAS NÃO IMPORTAVA. AFINAL, JÁ ERA UMA MULHER; POR ISSO, PODIA FAZER O QUE LHE APETECESSSE. O MELHOR DE TUDO ERA PODER AFASTAR-SE DA MIÚDA POR ALGUM TEMPO. DA BEBÉ, COM TODOS OS SEUS GRITOS, A NECESSIDADE DE TERNURA E AS EXIGÊNCIAS QUE ELA NÃO PODIA SATISFAZER. NO FIM DE CONTAS, ERA POR CAUSA DA BEBÉ QUE AINDA TINHA DE VIVER EM CASA COM A MÃE, COM A VELHA QUE MAL A DEIXAVA AFASTAR-SE UNS METROS DE CASA, APESAR DE ELA TER DEZANOVE ANOS. ERA UM MILAGRE QUE LHE TIVESSE SIDO PERMITIDO SAIR NESSA NOITE PARA CELEBRAR A VÉSPERA DO SOLSTÍCIO DE VERÃO.

SE NÃO TIVESSE TIDO A MIÚDA PODERIA AGORA TER A SUA PRÓPRIA CASA; PODIA ESTAR A GANHAR O SEU PRÓPRIO DINHEIRO. PODERIA SAIR SEMPRE QUE LHE APETECESSSE E CHEGAR A CASA QUANDO QUISESSE, E NINGUÉM LHE TERIA DITO NADA. MAS COM A MIÚDA ISSO ERA IMPOSSÍVEL. ELA TERIA PREFERIDO ENTREGÁ-LA PARA ADOPÇÃO, MAS A VELHA NEM QUERIA OUVIR FALAR DISSO, E AGORA ERA ELA QUE TINHA DE PAGAR O PREÇO. SE A MÃE QUERIA ASSIM TANTO FICAR COM A MIÚDA, PORQUE NÃO PODIA TOMAR CONTA DELA SOZINHA?

A VELHA IA FICAR VERDADEIRAMENTE FURIOSA QUANDO ELA CHEGASSE A PEDALAR DAQUELA FORMA ÀS PRIMEIRAS HORAS DA MANHÃ. O SEU HÁLITO TRESANDAVA A ÁLCOOL, E ERA CERTO QUE A VELHA FARIA COM QUE ELA PAGASSE POR ISSO MAIS TARDE. MAS VALERA A PENA. NÃO SE DIVERTIRA TANTO DESDE QUE A FEDELHA NASCERA.

PEDALOU DIREITA AO CRUZAMENTO JUNTO À ESTAÇÃO DE SERVIÇO E CONTINUOU UM POUCO POR ESSA ESTRADA. DEPOIS VIROU À ESQUERDA NA DIRECÇÃO DE BRÄCKE, MAS PERDEU O EQUILÍBRIO E QUASE CAIU NA VALETA. ENDIREITOU O GUIADOR E PEDALOU AINDA MAIS PARA CONSEGUIR ALGUM BALANÇO ANTES DA PRIMEIRA LADEIRA INCLINADA. O VENTO REDEMOINHAVA-LHE O CABELO, E A NOITE CLARA DE VERÃO ESTAVA

COMPLETAMENTE SILENCIOSA. CERROU OS OLHOS POR UM MOMENTO E PENSOU NAQUELA NOITE ARDENTE DE VERÃO EM QUE O ALEMÃO A TINHA ENGRAVIDADO. FORA UMA NOITE MARAVILHOSA E PROIBIDA, MAS QUE NÃO VALERA O PREÇO QUE ACABOU POR VIR A PAGAR.

DE REPENTE ABRIU OS OLHOS, QUANDO A BICICLETA CHOCOU CONTRA ALGO. A ÚLTIMA COISA DE QUE SE RECORDAVA ERA DO CHÃO A PRECIPITAR-SE NA SUA DIRECÇÃO A GRANDE VELOCIDADE.

DE VOLTA À ESQUADRA, em Tanumshede, Mellberg estava mergulhado em pensamentos profundos pouco habituais. Patrik também não falava muito, sentado à frente do chefe no refeitório, ponderando acerca dos acontecimentos daquela manhã. Na verdade estava demasiado calor para beber café, mas Patrik precisava de qualquer substância estimulante, e o álcool não era de todo adequado. Ausentes, ambos abanavam as camisas para a frente e para trás para se refrescarem. O ar condicionado estava avariado há quase duas semanas, e ainda não tinham conseguido que ninguém o fosse reparar. Habitualmente, de manhã a temperatura era tolerável, mas por volta do meio-dia o calor começava a atingir níveis insuportáveis.

- Que diabo vem a ser isto? - disse Mellberg enquanto coçava cautelosamente o ninho de cabelo enrolado no topo da cabeça para ocultar a careca.

- Para lhe ser franco, não faço a menor ideia. Foi encontrado o cadáver de uma mulher por cima de dois esqueletos. Se ninguém tivesse realmente sido morto, diria que era uma espécie de partida. Esqueletos roubados do laboratório de algum hospital, ou algo assim. Mas não há como fugir ao facto de a mulher ter sido assassinada. Também ouvi um comentário de um dos técnicos forenses; ele disse que os ossos não pareciam ser recentes. Claro que isso pode ter que ver com o local onde têm estado. Podem ter estado expostos ao vento e à adversidade do clima, ou

podem ter estado protegidos. Espero que o médico-legista possa dar-nos uma estimativa da idade deles.

- Muito bem, quando pensa que poderemos ter o primeiro relatório dele? - Mellberg ergueu ansiosamente as sobrancelhas.

- Provavelmente vamos ter um relatório preliminar hoje, e depois demorará um par de dias para ele examinar tudo mais pormenorizadamente. Por isso, por enquanto, teremos de trabalhar com todas as provas que tivermos. Onde estão os outros?

Mellberg suspirou.

- Gösta hoje está de folga. Um maldito torneio de golfe, ou algo assim. Ernst e Martin estão fora, numa investigação. Annika está numa ilha grega qualquer. Provavelmente pensou que iria outra vez chover durante todo o Verão. Pobrezinha. Não deve ter sido agradável deixar a Suécia nesta altura, com este tempo fantástico que estamos a ter.

Patrik olhou novamente para Mellberg com surpresa, e interrogou-se sobre aquela expressão de solidariedade fora do comum. Passava-se qualquer coisa estranha, não havia dúvida. Mas agora não podia perder tempo a empreender naquilo. Tinham coisas mais importantes em que pensar.

- Sei que está de férias até ao final desta semana, mas será que não se importa de vir cá para dar uma ajuda neste caso? - perguntou Mellberg. - Ernst não tem imaginação suficiente, e Martin é demasiado inexperiente para conduzir uma investigação, por isso dava-nos mesmo jeito a sua ajuda.

O pedido era tão elogioso para o ego de Patrik que este deu por si a dizer que sim sem hesitar. Claro que iria passar por um inferno em casa, mas consolou-se com o facto de que apenas precisaria de quinze minutos para chegar a casa se Erica precisasse dele de repente. Além disso, andavam a

emburrar um com o outro por causa do calor, por isso talvez fosse boa ideia ele estar fora de casa.

- Primeiro, gostaria de descobrir se alguma mulher foi dada como desaparecida - disse Patrik. - Devemos verificar numa área bastante razoável, digamos, de Strömstad a Gotemburgo. Vou pedir a Martin ou a Ernst que o façam. Acho que os ouvi chegar.

- Isso é boa ideia, uma ótima ideia. O espírito é mesmo esse, força! - Mellberg ergueu-se da cadeira e deu a Patrik uma palmada cordial no ombro. Patrik apercebeu-se de que seria ele a fazer o trabalho, como era habitual, enquanto Mellberg ficava novamente com os louros. Mas desta vez Patrik não ficou perturbado com isso; não valia a pena.

Com um suspiro, colocou as duas chávenas de café na máquina de lavar loiça. Naquele dia não ia precisar de protector solar.

- Ora bem, todos de pé! Acham que isto é o raio de uma pensão onde podem ficar deitados o dia todo?

A voz atalhou por espessas camadas de nevoeiro e ecoou dolorosamente nas suas têmporas. Stefan abriu cuidadosamente um olho, mas voltou a fechá-lo mal viu o brilho ofuscante do Sol estival.

- Que raio... - Robert, o irmão, um ano mais velho do que ele, virou-se na cama e colocou a almofada sobre a cabeça. Esta foi-lhe arrancada com um gesto brusco, e ele sentou-se a resmungar.

- Será que nunca posso dormir um pouco neste sítio?

- Vocês são os dois uns preguiçosos, e passam os dias a dormir. É quase meio-dia. Se não ficassem acordados até tarde todas as noites a vadiar e a fazer sabe Deus o quê, não teriam de passar metade do dia a dormir. Preciso mesmo de uma ajudinha por aqui. Vocês vivem aqui de

borla, e também comem à borla, e são ambos uns homens. Acho que não é de mais pedir-vos para darem uma ajuda à vossa pobre mãe.

Solveig Hult permaneceu de pé com os braços cruzados. Sofria de obesidade mórbida, e a tez era pálida, de quem nunca sai de casa. O cabelo estava sujíssimo, emoldurando-lhe o rosto num emaranhado de caracóis escuros.

- Têm quase trinta anos e ainda vivem à custa da vossa mãe. Grandes homens me saíram. E aonde vão buscar o dinheiro para ir para a borga todas as noites, se é que posso perguntar? Não trabalham, e nunca vos vi contribuir com um cêntimo para as despesas da casa. Só vos digo que, se o vosso pai ainda fosse vivo, poria fim a este comportamento. Já tiveram notícias do Centro de Emprego? Deviam ter lá ido há duas semanas!

Agora era a vez de Stefan colocar a almofada sobre o rosto. Tentou bloquear as críticas incessantes; a mãe era como um disco riscado. Mas a sua almofada também lhe foi bruscamente arrancada e arremessada para longe. Sentou-se, de ressaca, com a cabeça a martelar como uma banda.

- Já arrumei a mesa do pequeno-almoço há muito tempo, por isso terão de ser vocês a ir procurar comida ao frigorífico.

O enorme traseiro de Solveig bamboleou-se para fora do quarto que os irmãos ainda partilhavam, e a mulher bateu com a porta. Não se atreveram a voltar a adormecer, mas ambos retiraram um cigarro de um maço e acenderam-nos. Podiam passar sem o pequeno-almoço, mas o cigarro elevava-lhes os espíritos e queimava-lhes a garganta de forma agradável.

- Que fezada do caraças, não foi? - Robert deu uma gargalhada e soprou anéis de fumo para o ar. - Eu disse-te que eles tinham coisas excelentes em casa. Ele é director

de uma empresa qualquer em Estocolmo. Graças a Deus que tipos como ele podem comprar o melhor que há.

Stefan não respondeu. Ao contrário do irmão mais velho, os assaltos nunca lhe provocavam descargas de adrenalina. Em vez disso ficava com um frio no estômago durante dias, antes e depois de um trabalho. Mas fazia sempre o que Robert dizia; nunca lhe ocorrera que pudesse fazer o que quer que fosse de maneira diferente.

O assalto da noite fora frutuoso como há muito não acontecia. A maior parte das pessoas evitava deixar objectos de valor nas suas casas de Verão; utilizavam sobretudo a sua tralha usada, coisas que de outro modo teriam deitado para o lixo, ou achados provenientes de vendas de caridade que os faziam pensar que tinham encontrado uma pechincha, embora as peças não valessem um tostão furado. Mas, na noite anterior, eles tinham deitado a mão a uma TV nova, um leitor de DVD, uma *Nintendo* e um punhado de jóias pertencentes à dona da casa. Robert ia vender o produto do assalto através dos seus canais habituais, e isso render-lhes-ia bom dinheiro. Claro que não ia durar muito nas mãos deles. O dinheiro dos assaltos fazia sempre um buraco nos bolsos deles e, após escassas semanas, já teria ido todo. Gastavam-no no jogo, em saídas e a pagar copos aos amigos, assim como em outras despesas necessárias. Stefan olhou para o relógio caro que estava a usar. Por sorte, a mãe não conseguia reconhecer um objecto de valor quando olhava para ele. Se soubesse quanto custava aquele relógio nunca mais iria parar de os chagar.

Por vezes sentia-se preso como um *hamster* numa roda, a dar voltas e mais voltas enquanto os anos passavam. Nada mudara realmente desde que ele e o irmão eram adolescentes, e também não via hipótese de isso acontecer

agora. A única coisa que dava significado à sua vida era a única coisa que sempre escondera de Robert. Um instinto bem no fundo do seu ser dizia-lhe que confidenciar aquilo ao irmão não traria nada de bom. Robert apenas a conspurcaria com os seus comentários grosseiros.

Por um segundo, Stefan permitiu-se pensar como era suave o toque do cabelo dela contra a sua face áspera, e como a mão dela parecia pequena quando a segurava na sua.

- Olha, não fiques para aí sentado a sonhar acordado. Temos negócios para tratar.

Robert ergueu-se, com o cigarro a pender-lhe da comissura dos lábios, e foi o primeiro a sair pela porta. Como era costume, Stefan seguiu-o, pois era o que estava habituado a fazer.

Na cozinha, Solveig estava sentada no seu lugar habitual. Desde que Stefan era um rapazinho, desde aquele incidente com o pai, que a via sentada na sua cadeira junto à janela, enquanto os dedos se entretinham avidamente com o que quer que estivesse à frente dela em cima da mesa. Nas suas primeiras memórias, a mãe era linda mas, ao longo dos anos, a gordura acumulara-se em camadas cada vez mais espessas na cara e no corpo.

Solveig parecia estar ali sentada em transe; os dedos tinham vida própria, a puxar e a alisar coisas incessantemente. A mãe esquadrihava aqueles malditos álbuns de fotografias há cerca de vinte anos, ordenava-os e reordenava-os. Comprou álbuns novos, e depois dispôs novamente as fotografias e os recortes de jornais. Melhor, de forma mais elegante. Não era assim tão estúpido que não percebesse que aquela era a forma de ela se agarrar a tempos mais felizes, mas certamente um dia a mãe iria perceber que esses dias tinham desaparecido há muito.

As fotografias eram dos tempos em que Solveig era linda. O ponto alto da vida dela fora o seu casamento com Johannes Hult, o filho mais novo de Ephraim Hult, o célebre pastor da Igreja Livre e o proprietário da quinta mais próspera da região. Johannes era bonito e rico. Solveig podia ter sido pobre, mas era a rapariga mais bonita de toda a Bohuslän[3]; era o que todos diziam nessa altura. E, se outra prova fosse necessária, os artigos que tinha guardado de quando tinha sido coroada Rainha de Maio dois anos seguidos, teriam sido suficientes. Eram esses artigos, e as muitas fotografias a preto e branco dela quando rapariguinha, que Solveig tinha cuidadosamente conservado e classificado todos os dias durante os últimos vinte anos. Sabia que a rapariga ainda estava ali, algures por entre todas as camadas de gordura. Através das fotografias conseguia manter a rapariga viva, apesar de ela estar a fugir cada vez para mais longe a cada ano que passava.

Com um último olhar por cima do ombro, Stefan deixou a mãe sentada na cozinha e seguiu Robert porta fora. Como Robert dizia, tinham negócios para tratar.

Erica ponderou se devia sair para ir dar um passeio, mas apercebeu-se de que isso talvez não fosse grande ideia naquele momento, com o Sol a pino e o calor no auge da intensidade. Tinha passado maravilhosamente durante toda a gravidez até a onda de calor se ter instalado. Desde aí que se arrastava como uma baleia suada, a tentar desesperadamente encontrar uma forma de se refrescar. Patrik, que Deus o abençoe, tinha tido a ideia de lhe comprar uma ventoinha de mesa, e agora, Erica carregava-a como a um tesouro para onde quer que fosse dentro de casa. O único senão era que tinha de a ligar à corrente, por

isso nunca podia sentar-se longe de uma tomada que o cabo alcançasse, o que lhe limitava as escolhas.

Mas, na varanda, a tomada estava no sítio perfeito, e Erica podia refastelar-se no sofá com a ventoinha sobre a mesa, à sua frente. Nenhuma posição era confortável por mais de cinco minutos, o que fazia com que estivesse continuamente a mexer-se para encontrar melhor posição. Às vezes sentia um pé a pontapear-lhe as costelas, ou então algo que parecia uma mão a dar-lhe pancadas num dos lados. Nessas alturas via-se forçada a mudar novamente de posição. Não fazia ideia de como ia aguentar mais um mês daquilo.

Erica e Patrik estavam juntos apenas há meio ano quando ela engravidou mas, por estranho que pareça, nenhum deles ficou incomodado com a gravidez. Estavam ambos ligeiramente mais velhos e um pouco mais seguros do que queriam, e não pensaram haver qualquer motivo para esperar. Só agora é que Erica começava a ter receio, à última hora, por assim dizer. Talvez não tivessem partilhado suficientemente a vida quotidiana antes de terem embarcado nesta gravidez. Que aconteceria à sua relação quando se vissem repentinamente presenteados com um pequeno estranho que exigia todas as atenções que anteriormente tinham podido dedicar um ao outro?

A paixão louca e cega dos primeiros tempos que passaram juntos tinha-se esbatido, claro. Agora, tinham uma fundação mais realista e quotidiana para reforçar, uma vez que conheciam melhor as facetas positivas e negativas de cada um. Mas, e se quando o bebé nascesse, apenas restassem as facetas negativas? Quantas vezes ouvira já as estatísticas sobre a quantidade de relações que entravam em efervescência durante o primeiro ano de vida de um bebé? Bem, agora não adiantava preocupar-se. O que está

feito, está feito, e não havia volta a dar em relação ao facto de tanto ela como Patrik ansiarem com toda a sua alma a chegada daquela criança. Erica esperava que esse desejo fosse suficiente para os levar a bom porto durante as mudanças turbulentas que se avizinhavam.

Erica teve um sobressalto quando o telefone tocou. Lutou laboriosamente para se erguer do sofá, esperando que quem quer que estivesse a telefonar tivesse paciência suficiente para não desligar.

- Sim, estou? Ah, olá, Conny... Estou bem, obrigada, apesar de estar demasiado calor para estar gorda... Passar por cá? Sim, claro... Vem tomar um café comigo... Passar a noite? Bem... - Erica suspirou para dentro. - Claro, porque não? Quando vens? Esta noite? Bem, não, não há qualquer problema. Podem dormir no quarto de hóspedes.

Fatigada, Erica desligou o telefone. Ter uma casa em Fjällbacka durante o Verão tinha um grande inconveniente. Todo o tipo de parentes e amigos - que não tinha dado sinal de vida durante os dez meses mais frios do ano - aparecia de repente. Não estavam particularmente interessados em estar com ela em Novembro, mas em Julho viam a oportunidade de viver com vista para o mar sem pagar renda. Erica pensara que naquele ano seriam poupados, pois metade de Julho passara sem uma palavra de quem quer que fosse. Mas agora, o primo Conny dissera que estava a caminho de Fjällbacka, vindo de Trollhättan com a mulher e os dois filhos. Era só por uma noite, por isso Erica pensou que podia dar conta do recado. Nunca gostara muito de nenhum dos dois primos, mas a sua educação fazia com que fosse impossível recusar-se a recebê-los, apesar de ser essa a sua vontade. Na sua opinião, eram ambos uns parasitas.

Contudo, Erica estava grata por ela e Patrik terem uma casa em Fjällbacka onde podiam receber hóspedes, convidados ou não. Depois da morte dos pais, o cunhado tinha tentado forçar a venda da casa. Mas a irmã, Anna, tinha-se finalmente fartado das agressões verbais e físicas dele. Divorciara-se de Lucas, e agora, ela e Erica detinham a propriedade conjunta da casa. Como Anna ainda estava a viver em Estocolmo com os dois filhos, Patrik e Erica puderam mudar-se para a casa de Fjällbacka. Em troca, encarregavam-se de todas as despesas. Acabariam por ter de fazer um acordo mais permanente em relação à casa mas, por enquanto, Erica estava apenas feliz por a ter. E estava entusiasmadíssima por poder viver ali durante todo o ano.

Erica olhou em redor e viu que teria de se despachar se queria que a casa estivesse relativamente limpa e arrumada quando os hóspedes chegassem. Perguntou a si própria que diria Patrik quanto à invasão, mas depois encolheu os ombros. Se Patrik não se importava de a deixar ali sozinha para ir trabalhar a meio das férias deles, então era óbvio que ela podia decidir ter hóspedes. Já se tinha esquecido de ter estado a pensar que não era mau de todo não o ter por ali a cirandar o dia inteiro.

Ernst e Martin tinham regressado à esquadra depois da ocorrência para a qual tinham sido chamados, e Patrik decidiu começar por pô-los ao corrente do caso. Chamou-os ao seu gabinete e eles sentaram-se nas cadeiras em frente à secretária dele. Não pôde deixar de reparar que Ernst estava vermelho de raiva por um detective mais novo ter sido encarregado de chefiar a investigação, mas Patrik preferiu ignorar o facto. Teria de ser Mellberg a resolver isso.

No pior dos cenários, Patrik podia passar sem a ajuda de Ernst, se o colega se recusasse a trabalhar com ele.

- Presumo que já tenham ouvido falar do que aconteceu?

- Sim, ouvimos no rádio da polícia - disse Martin. Ao contrário de Ernst, Martin era jovem e entusiástico, e estava sentado na sua cadeira direito como um fuso, com um bloco-notas no colo e a caneta a postos.

- Foi encontrada uma mulher assassinada na Fenda do Rei, em Fjällbacka. Estava nua e parece ter entre vinte e trinta anos. *Debaixo* dela foram encontrados dois esqueletos humanos de origem e idades desconhecidas. Oficiosamente, Karlström, da polícia científica, disse-me que as ossadas não eram propriamente recentes. Portanto parece que nos calhou um caso graúdo, diferente das habituais escaramuças de bar e dos condutores alcoolizados do costume que já nos dão água pela barba. E tanto Annika como Gösta estão de férias, por isso temos de arregañar as mangas e lançar-nos ao trabalho. Por acaso, eu também estava de férias esta semana, mas acedi em vir trabalhar. Mellberg pediu-me para chefiar a investigação. Têm alguma questão?

A pergunta era sobretudo dirigida a Ernst, que decidiu não o confrontar. Sem dúvida que iria resmungar acerca daquilo nas suas costas.

- Que queres que eu faça? - Martin parecia um cavalo inquieto, fazendo impacientemente círculos no bloco-notas com a caneta.

- Quero que comeces por verificar no Sistema de Informação Schengen^[4] o registo de mulheres que desapareceram durante, digamos, os últimos dois meses. É preferível alargarmos o intervalo temporal até sabermos mais do laboratório de medicina forense. Apesar de eu

suspeitar que a data da morte é muito mais recente; talvez tenha ocorrido apenas há um par de dias.

- Não soubeste? - perguntou Martin.

- Não soube o quê?

- A base de dados está fora de serviço. Vamos ter de esquecer o SIS e fazer as coisas à moda antiga.

- Maldição! Que raio de sentido de oportunidade. Bem, segundo Mellberg, não temos relatórios pendentes de pessoas desaparecidas desde que eu fui de férias. Por isso, sugiro que contactes todos os municípios da região. Começa pelos mais próximos e vai alargando a busca. Percebeste?

- Muito bem. Até onde devo ir?

- Até onde precisares de ir para descobrirmos alguém que encaixe no perfil que procuramos. E telefona para Uddevalla logo a seguir a esta reunião para obteres uma descrição preliminar da vítima para utilizarmos nas nossas investigações.

- Então e que devo eu fazer? - o entusiasmo da voz de Ernst não era propriamente contagiante.

Patrik relanceou as notas que rabiscara após a conversa que tivera com Mellberg.

- Gostava que começasses por falar com pessoas que vivam perto da entrada da Fenda do Rei. Descobre se viram ou ouviram algo a noite passada ou esta manhã cedo. A Fenda está cheia de turistas durante o dia, por isso o cadáver, ou os cadáveres, para sermos mais precisos, teriam de ter sido transportados para lá algures durante a noite ou de manhã cedo. Podemos presumir que os restos mortais foram levados para lá pela entrada mais larga; dificilmente poderão ter sido carregados pela escadaria a partir da Praça Ingrid Bergman. O rapazinho descobriu a mulher cerca das seis da manhã, por isso devem concentrar-se no intervalo entre as nove da noite e as seis

da manhã. Estou a pensar ir eu próprio aos arquivos dar uma vista de olhos. Há qualquer coisa em relação àqueles dois esqueletos que anda às voltas na minha memória. Tenho a sensação de que devia saber o que é, mas... têm alguma ideia? Não vos ocorre nada?

Patrik abriu os braços e, erguendo as sobrancelhas, esperou uma resposta, mas Martin e Ernst apenas abanaram as cabeças. Patrik suspirou. Bem, não havia nada a fazer, tinha de ir às catacumbas...

Questionando-se se poderia ter caído em desgraça, e sem ter a certeza se chegaria a sabê-lo se tivesse tempo para ponderar sobre o assunto, Patrik sentou-se nas entranhas da esquadra de polícia de Tanumshede e vasculhou os velhos documentos. A poeira tinha-se instalado na maior parte das pastas, mas pareciam ainda estar ordenadas, graças a Deus. A maior parte dos ficheiros estava arquivada por ordem cronológica e, apesar de Patrik não saber ao certo o que procurava, sabia que teria de estar ali algures.

Sentou-se no chão de pedra com as pernas cruzadas e percorreu metodicamente uma caixa atrás da outra. Décadas de destinos humanos passaram-lhe pelas mãos e, algum tempo depois, ficou espantado com a quantidade de pessoas e famílias que apareciam recorrentemente nos registos policiais. Era como se uma vida dedicada ao crime fosse sendo passada de pais para filhos, e até para netos, pensou, quando viu os nomes das mesmas famílias a despontarem constantemente.

O telemóvel tocou, e Patrik viu no ecrã que era Erica.

- Olá, querida, está tudo bem? - Patrik sabia qual ia ser a resposta. - Sim, sei que está calor. Fica sentada ao pé da ventoinha, não há muito mais a fazer... Erica, temos aqui um homicídio em mãos, e Mellberg quer que eu chefie a

investigação. Ficavas muito chateada se eu viesse trabalhar durante uns dias?

Patrik conteve a respiração. Sabia que Ihe devia ter telefonado mais cedo a avisar de que talvez tivesse de trabalhar mas, como qualquer homem típico, tinha evitado tocar no assunto, adiando o inevitável. Por outro lado, ela estava bem ciente das exigências da profissão dele. O Verão era a estação mais agitada para a polícia de Tanum, e os agentes tinham de tirar férias por turnos. Nunca estava garantido que conseguissem sequer tirar uns dias seguidos; tudo dependia da quantidade de bêbedos, escaramuças e outros efeitos colaterais do turismo com que a esquadra teria de lidar. E os homicídios, claro, tinham prioridade sobre tudo o resto.

Erica tinha referido algo que quase Ihe escapou.

- Vêm visitar-te, disseste? Quem? O teu primo? - Patrik suspirou. - Não, que posso eu dizer? Claro, seria melhor se pudéssemos estar sozinhos esta noite, mas se eles já estão a caminho... Só ficam uma noite, espero? Certo, então eu levo uns camarões para o jantar. Uma coisa simples, para não teres de cozinhar. Estarei em casa por volta das sete. Beijinhos.

Voltou a enfiar o telefone no bolso e continuou a vasculhar o conteúdo das caixas à sua frente. Um ficheiro onde se lia «Desaparecidos» chamou-lhe a atenção. Alguém ambicioso tivera um dia a ideia de reunir todos os relatórios das investigações policiais sobre pessoas desaparecidas. Patrik soube que era daquilo que tinha estado à procura. Tinha os dedos sujíssimos por causa de todo aquele pó, por isso limpou-os aos calções antes de abrir o fino dossiê. Depois de alguns minutos de leitura, a sua memória recebeu o empurrão de que precisava. Devia ter-se lembrado logo daquilo, tendo em conta o número reduzido de pessoas que

tinham desaparecido no concelho sem serem encontradas. A idade devia estar a começar a provocar-lhe estragos. Pelo menos agora tinha os relatórios pertinentes à sua frente, e tinha a sensação de que não era coincidência duas mulheres terem sido dadas como desaparecidas em 1979 e nunca mais terem sido vistas. E agora tinham aparecido dois esqueletos na Fenda do Rei.

Patrik levou o ficheiro consigo para cima, para a luz do dia, e colocou-o na secretária.

Os cavalos foram o único motivo que a fizera ficar. Com mão treinada, esfregou a pelagem do cavalo castrado castanho com movimentos firmes. O esforço físico funcionava como válvula de escape para se livrar de parte da frustração. Era uma treta ter dezassete anos e não ter uma palavra a dizer sobre a nossa própria vida. Logo que atingisse a maioridade ia pirar-se daquele buraco. Depois aceitaria a proposta que recebera do fotógrafo que a abordara quando ela passeava pela Baixa de Gotemburgo. Quando se tornasse modelo em Paris e estivesse a ganhar montes de dinheiro, diria a todos eles onde podiam meter a merda dos seus estudos. O fotógrafo dissera-lhe que, a cada ano que passava, o valor dela como modelo decrescia. Um ano inteiro da sua vida seria desperdiçado antes de ela ter sequer a oportunidade de ser modelo, tudo porque o velho só pensava nos estudos. Não era preciso ter muitos estudos para andar na passarela. Mais tarde, quando tivesse uns vinte e cinco anos e começasse a envelhecer, casaria com um milionário. Então poderia rir-se da ameaça do velho de riscar do seu testamento. Um dia poderia ir às compras e gastar o equivalente a toda a fortuna dele.

O sacana do maravilhoso irmão dela também não facilitava nada. Era melhor viver com ele e com Marita do

que em casa, mas não muito melhor. Ele era tão estupidamente confiável. Nunca fazia nada que corresse mal, ao passo que ela arcava sempre com todas as culpas.

- Linda?

Era típico, nem ali, nos estábulos, a deixavam em paz.

- Linda? - a voz assumiu um tom mais urgente. Jacob sabia que ela estava ali, por isso não adiantava fingir que não o ouvia.

- Não sejas tão chato. Que queres?

- Realmente não precisas de falar comigo nesse tom de voz.

Acho que não é demasiado pedir-te que demonstres alguma cortesia.

Linda praguejou baixinho em resposta, mas Jacob não ligou.

- Não sei se sabes, mas és meu irmão, não és meu pai. Alguma vez paraste para pensar nisso? - disse ela.

- Sei isso muito bem, mas enquanto viveres sob o meu tecto, sou de alguma forma responsável por ti.

Só porque tinha praticamente o dobro da idade dela, Jacob pensava que sabia tudo. Para ele era fácil ser superior, porque não tinha com que se preocupar. O pai dissera muitas vezes que Jacob era sem dúvida um filho de quem se podia orgulhar, e que ele tomaria bem conta da propriedade da família. Linda calculava que um dia o irmão herdaria tudo. Até lá, podia dar-se ao luxo de fingir que o dinheiro não era importante, mas Linda conhecia-o bem. Todos admiravam Jacob porque trabalhava com jovens problemáticos. Ao mesmo tempo, sabiam perfeitamente que o irmão acabaria por herdar tanto a propriedade como uma fortuna. E então seria interessante ver por quanto mais tempo continuaria ele com aquele trabalho idealista.